

Redução de impostos faria preços dos combustíveis cair, defende Emílio Martins



Frentista atende cliente em posto de combustível em Campinas; proprietários e funcionários são obrigados a explicar o tempo todo as razões que impactam o valor de varejo na bomba

Wilson Rei
reiglson3@gmail.com

Recém-empossado presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo de Campinas (Recap), o empresário e sindicalista, Emílio Martins, defendeu a redução dos impostos que incidem sobre os combustíveis como forma de forçar uma queda nos preços cobrados nas bombas. A sua proposta de redução abrange o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS); o Programa de Integração Social (PIS); e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Martins disse que esses impostos representam mais de 50% do valor da gasolina, etanol e diesel. Ele defendeu também uma maior fiscalização dos governos estaduais no combate às fraudes nos postos de combustíveis, incluindo as práticas abusivas de sonegação de alguns frantedores, que acabam vendendo combustíveis mais baratos e prejudicam o setor com uma concorrência desleal. As declarações de Martins foram dadas em entrevista exclusiva, durante visita ao presidente-executivo do Correio Popular, Italo Hamilton Barioni. Veja abaixo alguns trechos da entrevista.

Emílio, como sua trajetória de empresário e sindicalista do setor de combustíveis teve início?

Eu tenho 62 anos e comecei a trabalhar com meu pai aos 19 anos. Meu pai era militar e capitão do Exército, muito ativista na Revolução de 1932. Morávamos em Itu e meu pai saiu do Exército em 1972. Foi trabalhar em uma empresa do ramo de cerâmica em Mogi Guaçu, mas a família ficou em Itu. Eu passei a estudar em Campinas no Colégio Liceu Salesiano de Campinas. Todo dia meu pai me deixava em Campinas e depois voltava para me buscar para irmos de volta para Itu. A família mudou para Campinas em 1976 e, em 1978, meu pai comprou um posto de combustível na avenida Júlio de Mesquita, esquina com rua Ferreira Penteado, no Cambuí. Ali ele ficou 20 anos e, neste período, comprou o posto da avenida Moraes Salles, nas proximidades, onde trabalhei com ele e minha esposa. Aos poucos, outros postos foram adquiridos em outras cidades e meu pai atinou no ramo até 1998. Continuei com a atividade e mudei um pouco o perfil, indo mais para a região e para o interior do Estado.

E como foi o início de sua participação na vida sindical?

A minha atuação na área sindical teve início em 1985, quando tinha 26 anos. Na época fui representante da região de Campinas no Estado de São Paulo, pois o Recap nem existia ainda. Em 1988, o Recap foi fundado e presidi a entidade por 15 anos, entre 1995 e 2010. Sempre tive postos de combustíveis e, depois de um período de dificuldade financeira, em 2010, deixei a presidência da Recap e passei a atuar na área de distribuição em uma empresa como diretor comercial. Mesmo fora da direção do sindicato, continuei participando ativamente da entidade nos últimos 12 anos. Agora, neste mês de abril, reassumi a presidência do Recap, onde tenho planos de aglutinar a categoria, resolver os problemas dos proprietários de postos e continuar defendendo este setor.

Quais são as principais medidas que pretende desenvolver?

Percebo que a agenda de ações do sindicato está um pouco prejudicada e sei que o setor é muito dinâmico e que tem muita coisa acontecendo. É um setor que passa por um processo de reforma regulatória na Agência Nacional do Petróleo (ANP) e no Ministério das Minas e Energia. Nos últi-

ENTREVISTA

Martins vincula queda na bomba a corte no imposto

Presidente do Recap lembra que tributos respondem por 50% do valor



O presidente do Recap, Emílio Martins, em visita à sede do Correio Popular

mos meses alguns assuntos foram deixados de lado e despriorizados. Agora a meta é estabelecer uma agenda positiva, priorizando uma agenda de trabalho com a diretoria e continuar defendendo este setor, que é muito mal compreendido na sociedade. O setor é a ponta visível de uma cadeia enorme de eles. O consumidor e algumas autoridades têm pouca informação sobre o setor de combustíveis e quando os aumentos de preço surgem, a culpa recai sempre sobre os postos, sem saber o que acontece antes na cadeia produtiva. Não sabem que tudo que acontece na bomba é um reflexo do que acontece na cadeia para trás.

Cite um exemplo sobre esta questão do preço dos combustíveis.

No dia 11 de março passado, por exemplo, a Petrobrás fez um reajuste extraordinário de preço nos combustíveis. Nunca vi um aumento deste porte tão grande nos últimos dez anos. O diesel teve um reajuste de noventa centavos, de um produto extremamente sensível para a economia brasileira e para a inflação. Houve um aumento de 25% do preço Petrobrás. É bom ficar claro que hoje, quando o consumidor vai a um posto, é mais fácil dizer: enche de imposto e não dizer para encher de combustível. Mais de 50% do produto hoje é imposto.

Os donos de postos têm que ficar explicando de lado e despriorizados. Agora a meta é estabelecer uma agenda positiva, priorizando uma agenda de trabalho com a diretoria e continuar defendendo este setor, que é muito mal compreendido na sociedade. O setor é a ponta visível de uma cadeia enorme de eles. O consumidor e algumas autoridades têm pouca informação sobre o setor de combustíveis e quando os aumentos de preço surgem, a culpa recai sempre sobre os postos, sem saber o que acontece antes na cadeia produtiva. Não sabem que tudo que acontece na bomba é um reflexo do que acontece na cadeia para trás.

É possível controlar o preço do combustível?

O combustível é um produto muito sensível, que meche com a economia de qualquer parte do planeta. Podemos ver o que está sendo feito nos Estados Unidos. A popularidade do presidente americano está caindo por conta do preço dos combustíveis e ele decidiu utilizar um terço das reservas de combustíveis para regular o pre-

“É bom ficar claro que, quando o consumidor vai a um posto, é mais fácil dizer: enche de imposto e não dizer para encher de combustível. Os donos de postos têm que ficar explicando porque houve o aumento, mas o que aconteceu foi um aumento de 25% da Petrobrás, mais 25% de imposto que o Estado cobra

ço. Fez isso porque os Estados Unidos tem o maior estoque de combustíveis no mundo. Por isso, liberou dos estoques um milhão de barris de petróleo durante 180 dias para baixar dez centavos no galão de dólar no mercado. Porém, o Brasil não tem o mesmo estoque que os Estados Unidos tem. É importante ver que estas pirotécnicas que os governos brasileiros tentam fazer para manipular o preço não surtem efeitos positivos. Está claro que não adianta segurar o preço dos combustíveis e nem tentar regular preços de commodities de qualquer outro produto. No médio prazo, a conta chega. Basta lembrar quando o Brasil segurou o preço dos combustíveis no passado para não influenciar aumento da inflação. Não adiantou nada. O Brasil não é autossuficiente em petróleo, pois tem que importar derivados do petróleo. Parte do que é produzido em petróleo no Brasil não é refinado aqui, por isso, o País exporta o petróleo do pré-sal e, depois importa os derivados. Se o Brasil represar o preço do combustível aqui em território nacional, não haverá como importar, pois os derivados serão muito mais caros e haverá um descontrole no mercado, ou falta de produto. Por isso, não adianta controlar, afinal haverá falta de produto no mercado interno. Há um déficit enorme no abastecimento de diesel, que é o mais importante para a economia no transporte de cargas e a política de controle de preços baixos do combustível não funciona. O presidente da Petrobrás que está saindo não conseguiu porque é inviável e quem assumir agora não vai conseguir também, pois sabe que um dia a conta vai chegar e não é aconselhável. Não adianta fazer pirotécnicas. O governo tem que procurar não se envolver muito neste terreno e tentar fazer a economia andar.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Página:** 4 e 5